



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VERA DALLEGRAVE

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias
Número da entrevista: E-71
Entrevistado: Vera Dallegrave
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: Porto Alegre/RS
Entrevistadores: Karine Dalsin
Data da entrevista: 27/08/2004
Transcrição: Marco de Carvalho
Conferência Fidelidade: Marco de Carvalho
Copidesque: Marco de Carvalho
Pesquisa: Marco de Carvalho
Fitas: (01 fita) 19/01-A
Total de gravação: 25 minutos
Páginas Digitadas: 4
Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel
Número de registro:
Número de registro da fita:
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

DALLEGRAVE, Vera. *Vera Dallegrave (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início da vida esportiva na Sogipa; o Vôlei; Uniforme; Participação no Campeonato Brasileiro; esporte praticado pelas moças; Viagens; Considerações.

Porto Alegre, 27 de agosto de 2004. Entrevista com Vera Dallegrave, a cargo da pesquisadora Karine Dalsin, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Vera, eu gostaria que tu começasse contando como tu iniciaste a tua carreira esportiva.

V.D. – Eu morava perto da Sogipa lá no centro, quando a Sogipa era lá no centro e passava toda a semana lá. Um dia era ginástica, ou dia era vôlei, outro dia era – como é que tinha aquilo que a gente andava naquelas, se pendurava, não sei mais o nome daquilo – e nos domingos a gente ia lá fora na Sogipa - era a sede campestre aqui no São João – jogar e tomar *chopp*, ficar ao ar livre. Nas quintas-feiras de tarde a turma da minha mãe jogava tamborim. Pega aquele tamborim, aquela bolinha e deixava a gente só pegar a bola quando saía longe. Não deixava a gente jogar, eram só as mães. Depois, de repente lá na Sogipa... Segunda-feira era ginástica, terça-feira era vôlei, quarta-feira era esgrima e daí eu passava a semana na Sogipa. Eu jogando vôlei e veio o professor Carlos Black e perguntou se eu não queria fazer esgrima também, pois tinha pouca gente na esgrima naquele tempo. Eu disse: “Tá, vou experimentar”. Comecei, fiquei campeã brasileira e no vôlei continuei até depois de casada, na ginástica não era muito boa. Agora no atletismo na Sogipa, eu atirava peso, eu era da segunda turma do revezamento e, se faltava alguém para pular distância ou qualquer coisa, chamava a Vera, porque eu dava mais ou menos, servia para encher as falhas. Não era a tal, mas eu fazia de tudo um pouco. Que nem uma vez lá no Bom Conselho, o professor fez um enquete para ver quem dava melhor para o esporte. Tinha a Elena Bins e tudo que era uma super campeã, alta e tudo e eu tirei segundo lugar entre os alunos e a que tirou primeiro lugar nem fazia esporte, mas que tinha mais aptidão. E eu tirei segundo lugar e a Elena não ficou num lugar bom porque ela era estourada, às vezes ela dava uns cortes no vôlei, acertava bem, mas às vezes ela mandava a bola lá em cima. Então não era parelha, que nem a gente era parelha, e ai quantos anos que passei lá, toda noite na Sogipa, até que arrumei um namorado, e ai tinha que ter uma noite para o noivo [riso], ai tive que deixa um esporte, deixei a esgrima, mas continuei no vôlei, e assim foi indo, e agora o meu ideal... as outras mães: “ai quero uma filha Miss Brasil”, eu não queria, eu queria um filho nas olimpíadas, desse mal eu não vou morrer, pode ser a minha filha é boa no tiro ao alvo, ela era das bandeirantes da Sogipa, e ai um ia lá e colocava as garrafas

e ela acertava, só que eu acho... agora tem o meu neto que ta no tênis de mesa, ta indo bem, vamos ver se vai dar alguma coisa.

K.D – Vera...

V.D – Velha era a minha mãe né. [riso]

K.D – Vera me conta como é que era o apoio da tua família pra ti pratica esportes, eles te incentivavam...

V.D – Sim né o meu pai, remou toda a vida, mas pra outro esporte assim ele não dava, a minha mãe jogava na Sogipa de tarde, mas era só pra distração, elas se encontravam lá no centro, no palco onde era bem pequeno, então lá deixavam a gente de vez em quando joga um pouco, ai que eu comecei, com 14 anos, e a mãe não tinha jeito também, e o pai só pra remo, e o bolão, eles queriam que jogasse bolão, eu disse “não bolão é muito chato que tem que fica lá sentado tomando “chopp”, não quero”, [risos], se bem que eu tenho muita mira.

K.D – Te lembra com que idade tu iniciou no esporte?

V.D – 14 anos na Sogipa.

K.D – Tá. E anterior a isso tu jogavas na equipe do Bom Conselho?

V.D – Sim nesse tempo também.

K.D – Tá e o voleibol tu aprendeste a jogar onde?

V.D – [pensando], eu até hoje me lembro que no Bom Conselho, eu era do time, e uma freira era a nossa treinadora, com aqueles vestidos compridos até o chão, e ela nos ensinando na rede, assim se a gente não... naquele tempo era proibido encosta na rede...

K.D – Aham.

V.D – não sei se hoje em dia vale ou não vale, ai não podia fazer assim na bola, tinha que ser assim pra gente não encosta na rede, só pra bola passa por cima.

K.D – Uhum.

V.D - E eu dizia assim: “mais que coisa uma freira nos ensinando vôlei”, e mesmo assim quando tu quer.

K.D – Lembra o nome dessa freira?

V.D – Acho que era Irmã Lucinda.

K.D – As outras escolas tinham equipes de vôlei também ?

V.D- Tinham. Nós éramos inimigos do Seigné, na semana da Pátria, o Bom Conselho marchava, até que eu vi o Getúlio uma vez, o presidente que eu vi, não, o ano passado eu vi o Lula ali na Expointer, [riso], ai a banda do colégio Rosário, que vinha lá no Bom Conselho

e a gente tinha que treinar a marchada, pra semana da Pátria a gente marchava, e o Anchieta tinha a banda e marchava com o Seigné, que eram os inimigos, que nem hoje o Grêmio e o Inter, eram o Seigné e o Bom Conselho.

K.D – Uhum.

V.D - Então a gente tinha que treinar, não sei quantas vezes por semana, pra na Semana da Pátria fazer bonito, então aquilo era...

K.D – Tinha outras competições escolares além da Semana da Pátria?

V.D – Não.

K.D – E a Semana da Pátria competiam só escolas ou competiam clubes também ?

V.D – Sabe que eu não me lembro [riso], naquele tempo a gente nem tomava nota dessas coisas.

K.D – Bom e... além do voleibol que outros esportes te ensinaram na escola?

V.D – Na escola tinha um arremesso de pelota, era um quadro assim com um buraco e a gente... aquelas bolinhas de couro assim, a gente tinha que acertar, e aí no vôlei eu fiquei com muita mira, eu tenho mira até hoje, e eu tinha um filho que nunca vinha pra casa quando tava escurecendo, e aí eu tinha que chamar ele pela rua, ficava braba, “vem pra casa, pelo menos me diz ontem tu tá”, aí ele chegava em casa ele ia apanhando o dedo lá pela vala, e depois eu ainda atirava o chinelo assim, batia na parede, batia nele, ele dizia mãe: “tu tem uma mira”, [risos], e até hoje eu tenho mira.

K.D – E os meninos faziam educação física com as meninas?

V.D – Nem o colégio era com as meninas, e na igreja também não, na Igreja São José, do lado esquerdo as gurias, do lado direito os guris, pra ir na missa não podia sentar junto, e o colégio era Nossa Senhora Medianeira, na frente do Plaza São Rafael, ali na Igreja São José, era do lado esquerdo era as meninas, e o colégio Roque Gonzales era dos meninos, e a gente só se encontrava na missa, e aí a gente olhava assim, eles lá e a gente aqui, mas nunca junto.

K.D – Tá então tu aprendeste na escola a jogar voleibol e o arremesso de pelota?

V.D – E depois na Sogipa.

K.D – Como era o voleibol naquela época?

V.D – A não podia conduzir a bola, a conduzir é quando a gente pega assim, e não larga logo, fica assim, quer dizer...

K.D – Uma bandeja.

V.D – dizia que tava colada, a gente tinha, não podia, tinha que... conduzir era proibido, bater na rede era proibido, passar por cima era proibido, e o saque primeiro tinha um tempo que a gente podia segurar assim, e bater a bola, ai depois de repente vem outra ordem, que a gente tinha que solta a bola, e...

K.D – Uhum.

V.D – e agora também não sei como, eu só me... [palavra inaudível]

K.D – E tinha muitas mulheres que jogavam voleibol?

V.D – Não tinha muito.

K.D – Antes de tu entrares na Sogipa tinha equipe na Sogipa de voleibol feminino?

V.D – Tinha, mas era tudo de mais idade, que nós éramos muito gurias, 14 e 15 anos, e elas já eram, já tinham 20, a família [palavra inaudível], era aquelas que foram campeãs.

K.D – Tá . Tu me falaste do jogo de tamborim, eu queria que tu me falasse um pouquinho mais dele, e explicasse.

V.D – Tamborim é que nem um pandeiro, e tinha uma corda assim pendurada, e a bola tinha que passa por cima, agora quantos pontos e como é que era, eu não me lembro, eu era guria né não deixavam a gente jogar, a gente só tava ali pra pegar a bola quando caia longe.

K.D – E quem jogava esse jogo?

V.D – As minhas tias, a minha mãe, a mãe da tia [palavra inaudível], elas que jogavam, eram as senhoras veteranas.

K.D – E esse jogo ele era, sabe me dize se era de origem alemã?

V.D – Não.

K.D – Se jogavam em outros lugares tamborim?

V.D – Eu acho que sim, porque que como é que foi para aqui na Sogipa?!

K.D – Elas competiam ou elas jogavam?

V.D – Não, é só pra distração, quintas –feira de tarde. E tinha o Tênis também, tinha senhora jogando Tênis, isso sim, mas só que o tênis era um esporte, mais da alta sociedade, quer dizer, e depois ate debochavam que na Sogipa era o único lugar que os pobres podiam jogar tênis, tinha que está toda de branco, tudo branco, uma vez uma vizinha minha foi com uma fitinha vermelha assim, não deixaram ela jogar, que era os esporte branco.

K.D – Isso na Sogipa?

V.D – e agora está tudo diferente.

K.D – Tá, e como é que eram vistas, as mulheres que praticavam esporte na época que tu jogaste, que tu competiste?

V.D – Tava começando né, porque primeiro “a isso é... tu vai fica como é que, muito forte, vai fica muito musculosa, não vai ser mais tão feminina, aquela coisa”, [cachorro latindo], pensavam que era tudo na brutalidade, mas não né, tinha mais o seu jeito ne, que nem na esgrima, primeiro era só de tocaia, e o juiz olha, ai depois inventava que era de coloca o fio aqui elétrico, que se a gente tocava, acusava ali né. [cachorro latindo]

K.D – [cachorro latindo]. Tu participaste de alguma competição nacional?

V.D – [cachorro latindo]. Sim essa que eu fui campeã de esgrima, só de esgrima que... no vôlei nós sempre perdemos, fomos pra São Paulo e perdemos, fomos pra Santa Catarina perdemos.

K.D – Competição, era campeonato?

V.D – Sim brasileiro, daí a gente perdeu, as paulistas ganharam, as mineiros ganharam, mas depois na esgrima eu ganhei aqui em Porto Alegre, sabe por que?!. Nós marcamos o campeonato brasileiro em Porto Alegre, vinha São Paulo, vinha Rio, vinha tudo, derepente, não sei o que deu, olha os paulistas não vem mais, os cariocas não vem mais, ai a confederação disse: “tá bem então vamos fazer a competição só entre nós, ai eu ganhei fiquei aqui brasileira [riso], só jogando com as gaúchas, porque as outras acharam muito longe não sei aquele tempo.

K.D – Que outras equipes tinha de voleibol quando tu jogavas na Sogipa?

V.D – A eu me lembro só da Sogipa e do Inca que era da ACM.

K.D – União tinha aqui?

V.D – Não. União não tinha.

K.D – E vocês jogavam que competições?

V.D – Era campeonato municipal, era assim pra ser laureado da Sogipa tinha que vencer cinco campeonatos municipais, que era da cidade de Porto Alegre, ou vencer três estaduais, que era do Estado, ou uma Nacional, ou uma Internacional, ou Sul-Americana, que era pra ser laureado, e eu to uma placa lá na Sogipa, porque venci cinco Municipais, venci três Estaduais, e venci uma brasileira, agora Sul-Americana... só ganhamos aqui dos uruguaiois, mas não era campeonato assim, era só de... como é que eles diziam: “confraternização”, bem coisa do Mercosul.

Nós chegamos na mesa assim, ela pegou a metade... tinha quantas pessoas na mesa, ela pegou a metade da salada de batata, e coloco pra ela, “[palavra inaudível], deixa a coitada ela é dos operários não tem que comer, [palavra inaudível]”. Umas coisas assim que tinha preconceito naquele tempo.

K.D – E isso porque ela jogava no Navegantes São João?

V.D – É, mas depois ela foi selecionada gaúcha também.

K.D – Tá, o surgimento das equipes então, teria Sogipa, Inca... feminino, e depois?

V.D – Navegantes São João, e depois os outros eu não sei mais.

K.D – Tu jogaste até surgir o União?

V.D – Não, não sou desse tempo.

K.D – Te lembra quando é que tu largou o vôlei?

V.D – Sim, eu joguei depois com os veteranas, que era com pessoas com mais de 30 anos, mesmo depois de casada, e com dois filhos já, eu ia todo... uma vez por semana lá jogar vôlei, com as veteranas, e ai quando eu fiquei esperando o terceiro filho, era 1957, ai tava esperando o terceiro filho, ai parei.

K.D – Uhum. Tinha apoio dos jornais, algum?

V.D – Tudo era a sociedade que pagava na Sogipa, ai um dia... e nunca ganhamos prêmios, assim por exemplo: que nem hoje eles ganham como é tantos reais, ganham um par de tênis, nunca ganhamos nada, só a viagem é claro. E um dia o treinador... porque nós ganhamos não sei o que, nos deu cem reais, nem sei quanto era aquilo, *aquilo foi uma glória, imagina, deram uma coisa pra gente*, não ganhava tênis, nem uniforme, nem nada, e o meu pai, também a gente era assim, “ai hoje vocês ganharam, eu vou paga um guaraná pra vocês”, olha eram uma duas ou três vezes só por ano, que a gente ganhava um guaraná, naquele tempo que horror.

K.D – Mas porque o que vejo, nos estudos que eu fiz que tem bastante recortes de jornal do voleibol, ali pela década de 50 e 60, e tal, na época de vocês os jornais não faziam a cobertura do jogos?

V.D – Faziam, tem até bem grande tudo aqui, mas não eram, mas não era.. como é que eu digo assim... pago, quer dizer patrocínio de alguém, Inca e Sogipa, era só não sei, campeonato, mas não...

K.D – E tinha bastante público assistindo as competições?

V.D – Tinha, demais, uma vez eu estava no Bom Conselho ainda, veio um colégio lá de Minas Gerais, que era dos Americanos chamado: *Grambele*. E as gurias com uns calçãozinhos bem curtinho, e nós com aquela saia calça, e era lá embaixo no ginásio, ali no Instituto de Educação, tinha um ginásio lá, e no final nós ganhamos, as mineiras se atiraram no chão chorando, “*que vergonha, perder por um colégio de freira, com saia calça, e não sei o que*”, e tava lá a turma do Rosario, pegaram a banda, e fomos dar a volta ali onde é o Instituto de Educação, pela rua e todo mundo batendo, batendo em nós passando, *foi aquela glória*.

K.D – Me fala um pouquinho mais de como eram os uniformes da época que tu jogava no Bom Conselho e na Sogipa?

V.D – e na Sogipa.

K.D – Como era o uniforme de jogo de vocês ?

V.D – O calção sempre era assim meio...

K.D – Balonê?

V.D – [palavra inaudível], lá sei eu como é que o nome disso assim, a hoje em dia é que nem fatiota, não se diz mais, a gente diz terno, a gente não diz... não sei eu quero fazer ondulação permanente, ainda se fala isso?

K.D – Acho que é só permanente.

V.D – Ondulação permanente, e se falava corpinho, não se falava sutiã, e a minha avó fazia pra nós de crochê e tudo.

K.D – O sutiã pra jogar?

V.D – Não, pra andar assim, e a minha tia ainda falando ontem: “ai eu vou ali compra umas fazendas pra fazer umas fronhas não sei o que”, e a neta dela: “vai compra fazenda?” ...tudo diferente.

K.D – Mas pra jogar como é que vocês usavam?

V.D – Nem sei se eu usava sutiã, nem sei, nem me lembro mais disso, não me lembro.

K.D – No colégio vocês... mas na Sogipa era mais curtinho o uniforme ?

V.D – No colégio era só saia... era só aquela saia calça.

K.D – E aquele uniforme curtinho, e os jogos com bastante público assistindo, isso não causava nenhum problema?

V.D – Não, tudo nos conformes.

K.D – O teu marido sempre aceitou que tu jogasse, praticasse esporte?

V.D – Bom, ai foi ate 57 só, foi cinco anos só que eu tava casada, agora ele sim, ele jogou tênis ate o fim da vida... e eu parei porque eu tive seis filhos, tenho esporte que chegue em casa, e eu queria mesmo, eu casei em 52, naquele tempo eu não queria casar, mas eu queria ter filho, e naquele tempo a gente tinha que casar [riso], e hoje em dia já não precisaria, [riso], *ai meu Deus*.

K.D – Tá, e tu paraste de jogar por causa dos filhos?

V.D – É, já tinha movimento que chegue na vida, agora eu gosto muito é de ir na praia, caminha, eu caminho muito, eu venho do centro até aqui, levo 1h, vou aqui ao aeroporto, volto ao aeroporto tudo a pé, eu gosto de caminha, vou ali na redenção, vou ali no parcão, tudo a pé, até lá do cemitério da azenha eu já vim a pé, eu digo : “ai é bom, pra... eu me sinto melhor caminhando, do que...”, até a mãe quando veio morar comigo disse: “Vera tu não olha o Faustão, tu não olha a Xuxa”, eu disse: “eu não”, prefiro andar no meu pátio, ai

fora, na minha como é que eu digo: “terapia ocupacional”, tirando um galhinho ali, plantando outro galho lá, vendo o que os gatos tão fazendo, as galinhas, os peixes, qualquer coisa, to num ar puro ali, eu digo.

K.D – Vera, me diz uma coisa tu participasse de campeonato brasileiro de voleibol?

V.D – Sim, mas nós perdemos sempre.

K.D – Te lembra quando foi, ou aonde foi? [barulho de moto]

V.D – Foi em Florianópolis, [barulho de moto], primeiro foi em Florianópolis, perdemos, depois em São Paulo, perdemos, depois no Rio de Janeiro, perdemos [riso], sempre perdiam.

K.D – Mas a equipe de vocês competia com alguma chance de fica entre os melhores ou ia pra participa mesmo? [barulho de carro passando]

V.D – Não, a gente tinha esperança, mas as paulistas eram melhores, muito melhores que a gente.

K.D – Só as paulistas?

V.D – Não as cariocas também nos venceram, porque elas eram mais esportivas lá, que viviam mais na praia e tudo, que lá quase não tem inverno, então vivem na praia jogando, correndo, e aqui...

K.D – Mas o nível técnico de vocês era bom comparado ao resto do país?

V.D – Era bom mais, mais não sei, a gente era mais na colocada, não era na força bruta do vôlei, e aquilo de se atira no chão e pegar a bola, só tinha uma no nosso time, e nos achávamos que aquilo era exibição, queria aparecer então, se atirava, a gente já era mais discreta nessa coisa.

K.D – Então tu começaste a jogar na Sogipa em 42 ?

V.D – Foi 14 anos... [palavra inaudível]

K.D – E nisso já existia uma equipe, eu não o que tu podes me conta assim que tu saiba do surgimento do vôlei feminino em Porto Alegre, já que a Sogipa foi uma das primeiras competições, e tu participaste de umas das primeiras equipes?

V.D – Não sei não, naquele tempo a gente nem pensava nessas coisas, não sei não.

K.D – Tinha bastante incentivo para que as moças praticassem esportes?

V.D – Eu não sei, por mim eu adorava, porque eu passava a semana na Sogipa [barulho de carro passando], e como no colégio tinha quando eu era criança, tinha só aquele... como é que era o nome daquele que tinha a gente atirava a bola e tinha que pegar? caçador, então eu jogava muito caçador no colégio, mas ai era com a saia, com o uniforme, blusa branca, todos os dias eu vinha pra casa com a blusa toda imunda, porque eu era boa no caçador , eu sempre era umas das ultimas que eles matavam, que eles falavam assim, era uma cancha aqui, outra cancha aqui, essa cancha atirava, tinha que acertar, se acertava aquela tinha que sair fora, se não passava por cima e aquela ali atirava, ai eles tinham o jogo de caçador, então jogava isso no colégio, no primário, que foi no Medianeira, era só caçador, depois no Bom Conselho começou o vôlei, que o professor era o seu Jorge [palavra inaudível], Carlos [palavra inaudível], então comecei no caçador.

K.D – Tá e o teu professor era o Blak e a irmã Lucinda?

V.D – É.

K.D – Eram os dois teus professores?

V.D –É, ela treinava só o vôlei, ele dava educação física no Bom Conselho.

K.D – Ele dava o vôlei também?

V.D – Não. Ele era educação física.

K.D – E que ele dava nas aulas dele?

V.D – É aquilo arremesso da pelota, e aquilo... [palavra inaudível].

K.D – Ginástica Calistênica?

V.D – É, essas coisas, e depois na Sogipa ele treinava a gente a atira dardo, a atira peso, salta em distância, e corrida, é por exemplo: revezamento, eu sempre era a primeira a correr, porque eu era a mais fraquinha, mais eu começava, entregava pra outra, e as outras... umas vez nós tavam onde *meu Deus*, lá embaixo, era um campeonato, e faltou uma, e me chamaram, tive que larga o jogo, pra ir lá, ir no lugar de uma outra que tinha faltado, porque a gente sabia de tudo um pouco, então nem me lembro mais de que foi isso.

K.D – O teu esporte predileto era o qual dentro de todos esses que tu praticaste?

V.D – Era o vôlei.

K.D – Tu, dedicava mais era o vôlei, treinava quantas vezes o vôlei por semana?

V.D – Duas vezes por semana.

K.D – E competições tinha quantas?

V.D – Não, competições tinha menos, umas duas, três por ano [barulho de passarinho cantando], aquilo era um acontecimento, em 46, primeira vez que a Sogipa foi para o Uruguai, e hoje ta comum, e ai foi “*ai foi um acontecimento, foi... então podia todos os sócios que quisessem ir junto podia ir, aquela coisa, foi uma coisa*”, ai viram que... se bem que nós perdemos, mais foi um sucesso de público, e tudo então começou acontecer mais vezes.

K.D – Prá finaliza tu tens alguma história, alguma coisa, fatos peculiares [barulho de passarinho cantando], histórias engraçadas, alguma coisa que tu tenha vivenciado no esporte, que tu ache interessante deixar registrado [barulho de carro] ?

V.D – Será que eu vou me lembra, [barulho de carro], acho que não, que eu me lembre assim, [barulho de carro], não, tenho muitas coisas, eu não me lembro, porque foram tantas coisas, tinha uma coisa assim, a gente ia de ônibus, e ai a gente viajava assim, e de repente, os caras mandavam: “*para o ônibus, para o ônibus, que eu quero medir um terreno que eu comprei aqui*”, ai todos homens iam para um lado, e as mulheres para outro lado, tudo atrás das macegas [riso], gente... [palavra inaudível], “*para o ônibus que eu vou medir o terreno que eu comprei ali, os homens para um lado, e as mulheres para outro lado*”.

K.D – Isso era quando vocês viajavam pra onde?

V.D – É ai para o interior, Santana do Livramento, “*ai meu deus do céu*”.

K.D – E pra...

V.D – Pra Rio Grande.

K.D – Pra jogar? Vôlei?

V.D – É, Rio Grande foi a primeira que eu fui em 47, primeira vez também que eu andei de avião, que lá os caras da FABI, lá das coisas, ofereceram pra todas as gurias andar num “teco-teco”, por cima da cidade, foi a primeira vez que andei de avião, e ai era aberto, e a gente na frente, e o piloto atrás, até depois ele desceu fez um giro por cima da cidade, e desceu, e eu tive que sair correndo, porque tava na hora do jogo, até eu me lembro que eu passei assim, e aquela hélice assim, passei pertinho, podia está sem o braço, “*ai meu deus do céu*”.

K.D – E quando vocês iam para os campeonatos brasileiros vocês iam como?

V.D – De ônibus, até Florianópolis nós fomos de ônibus, a minha mãe foi junto, aí na volta, nós vindo de ônibus, e a minha mãe com um cacho de banana assim não mão, que ela comprou lá... nem me lembro mais, de repente eu olho assim no ônibus, a roda do ônibus se foi, caiu, e a roda foi pulando, pulou...

[FINAL DA FITA 19/01-A]

V.D – ...com aquela porta aberta, o ônibus assim [palavra inaudível], e o presidente da Sogipa o José Carlos Dalte, tava na porta, e caiu o ônibus assim, e por sorte a porta tava aberta, que quando caiu assim, não esmagou ele, o ônibus deitou... e ele caído ali, podia está todo esmagado, e a minha mãe com um cacho de banana, [risos], “*ai meu deus*”.

K.D – E quando vocês iam para São Paulo, Rio de Janeiro iam de ônibus também?

V.D – Uma vez fomos de trem, aquela vez que levamos uma semana de trem, então... e a gente com aquela comida apimentada no trem, aqueles peixes apimentado, aquelas coisas, todo mundo ficou mal do estômago, ficamos fraca, não deu pra levantar pra corta, “*ai foi uma agonia*”, depois disseram: “*ai nós ficamos doentes com a comida do trem, por isso que nós perdemos.* [riso]

K.D – E isso?

V.D – É um tijolo voador. [riso]

K.D – Vocês foram pra onde de avião?

V.D – “*Ai Meu Deus*”, eu voltei de Santana do Livramento de avião, até aí que eu vi, o Rio Grande lá do Sul, é assim liso, e tinha uma novela, não sei com o Sérgio Cardoso, não sei se lembra, passava... que fez o italianinho, o brasileirinho, como é o nome da novela?, e ele... era feita aqui no Rio Grande, diziam, e mostrava os morros em Bagé, e aí nos passamos de avião por cima de Bagé, não tem um morro lá, é liso, é campanha, é pampa, eu disse: “Bah, os cariocas e os paulistas não sabem o que é o Rio Grande, não tem nenhum morro aqui”, e o cara dizia: “que veio de caminhão até Porto Alegre num dia”,

naquele tempo, impossível, e sabe esses caras nunca tiveram no Rio Grande, e não sabem nada disso.

K.D – Tá, mas tem uma foto aqui de vocês na frente de um avião, a força área disponibilizava pra vocês irem?

V.D – Sim, o governo dava uma... dava de graça pra gente.

K.D – Pra ir aonde?

V.D – [olhando foto], isso aqui foi em Buenos Aires, mas isso aqui foi na esgrima, pouca gente, mas no vôlei também a gente ia, até nesses aviões de paraquedistas assim, deu um temporal, e os caras passaram mal, todo mundo vomitando, “*ai Meu Deus do céu*”, foi uma loucura aquela viagem.

K.D – Vocês estavam indo pra onde?

V.D – São Paulo.

K.D – Jogar?

V.D – É.

K.D – Brasileiro?

V.D – ... agora pra eles virem pra cá, os paulistas e os cariocas, eu acho que não viram chegar aqui.

K.D – Tu te lembra do campeonato brasileiro que teve em 52 aqui em Porto Alegre? Que Helena Bins jogou?

V.D – 52 eu casei, eu acho que eu não joguei, porque eu fui mora em Santo Angelo, não esse eu não me lembro, porque eu fui mora um ano em Santo Angelo, depois morei um ano

em São Paulo, depois morei um ano no Rio de Janeiro, bem no ano que o Getúlio se matou, eu tava morando, olha o nosso apartamento era na mesma esquina do cadete, e aí meu marido me falou: “*não vamos sair de casa de hoje, que o Getúlio se matou, vai da revolução, não sei o que*”, aí eu olhei na janela, só tinha um guardinha na esquina com uma arma, n mais nada, é que deu confusão aqui no Rio Grande, porque ele era gaúcho, no Rio de Janeiro não deu confusão, e a gente morava do lado do cadete, que era coisa do presidente mesmo, a casa dele, agora já.

K.D – Vera, qual era o tipo físico das jogadoras de vôlei da tua época?

V.D – Não era nem gorda, nem magra, eu digo: “era normal”, tinha só uma gorda no nosso time, e ela podia ser só levantadora, era a [palavra inaudível], [olhando foto], era a única gordinha, nós era tudo assim... não era magérrima que nem as de hoje.

K.D – E a média de idade de vocês ?

V.D – Era 18.

K.D – Vocês eram altas?

V.D – Não, alta eram a Helena Bins e a Margot, e aí... eram as mais altas, nós éramos mais baixinhas.

K.D – Corpo musculoso?

V.D – Bem feminino, nada de músculo, não tinha essas coisas de halterofilismo.

K.D – Porque tu acha que as mulheres... porque depois da geração de vocês muitas mulheres procuraram o vôlei, muitas mulheres praticaram o vôlei, o que tu acha que o público feminino de Porto Alegre teve essa afeição pelo... justamente pelo voleibol enquanto modalidade esportiva?

V.D – Eu acho porque é um esporte coletivo, ai não precisa ser por exemplo que nem o tênis só os ricos que jogavam, porque tinha que compra raquete, naquele tempo não tinha raquete do Paraguai, tinha coisa cara, tinha que ter aquele uniforme tudo [barulho de moto passando], tinha que está numa sociedade, que nem todo mundo podia, e no vôlei a gente jogava nas pracinhas, ali na pracinha florida conhece?! na Comendador Azevedo, ali embaixo na Farrapos, florida, [barulho de moto passando], ali a gente jogava, jogava basquete.

K.D – Jogavam com algum professor ou sozinhas?

V.D – Não ali era sozinhas, arrumavam um time lá e ia joga, não tinha professor, pra ensina vôlei, o que tinha era o juiz pra apita, agora pra ensina...

K.D – Quem era o juiz?

V.D – A pegavam qualquer um, nem sempre queriam, porque eles queriam era jogar, não queriam apita.

K.D – Jogavam meninos e meninas juntos?

V.D – Só mulher com mulher, e homem com o homem.

K.D – Bom. Vera eu só tenho a te agradecer...

V.D – Não é que nem, por exemplo a minha irmã, fico noiva, e tinha um cinema Eldorado aqui embaixo, na esquina, e ela tinha vergonha de ir ao cinema sozinha com o noivo, tinha que sempre ter alguém junto pra qualquer coisa, aquele tempo era assim “*Meu Deus do Céu*”, ir no cinema, com o noivo, nem era namorado, “*que tu está todo de preto*”.

K.D – Vera te agradeço [risos], o depoimento.

V.D – Não sei se adianto muito, porque eu já estou velha pra me lembrar das coisas.

[FINAL DA ENTREVISTA]